



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

DAYENE ALBINO DOS SANTOS

O ENSINO DE GEOGRAFIA E A LITERATURA:

UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE PAISAGEM NA OBRA LITERÁRIA EM CORDEL
“O PEQUENO PRÍNCIPE”

Campina Grande – PB

2022

DAYENE ALBINO DOS SANTOS

O ENSINO DE GEOGRAFIA E A LITERATURA:
UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE PAISAGEM NA OBRA LITERÁRIA
EM CORDEL “O PEQUENO PRÍNCIPE”

Trabalho de Conclusão de Curso, Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande – PB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana.

Orientador: Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo

Campina Grande – PB

2022

DAYENE ALBINO DOS SANTOS

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E A LITERATURA: UMA ANÁLISE DO
CONCEITO DE PAISAGEM NA OBRA LITERÁRIA EM CORDEL “O
PEQUENO PRÍNCIPE”**

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr^o Sérgio Luiz Malta de Azevedo- ORIENTADOR
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

Professora Dr^a Sonia Maria de Lira
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG

Professora Dr^a Maria do Socorro Pereira de Almeida
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE

“Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.”

O Pequeno Príncipe

Antoine de Saint-Exupéry

AGRADECIMENTOS

Aqui finalmente agradeço primeiramente a Deus, por me fortalecer e me fazer perseverar durante toda minha trajetória acadêmica.

Diante de tantas ressignificações, como minha conclusão no ensino médio em 2015 e minha reprovação em 2017 em Estatística na Universidade Federal de Campina Grande, campus sede, fazendo com que acreditasse não ser o ensino superior um futuro alcançável para mim, porém não sendo a mesma caloura recém formada no ensino médio e reprovada seguidamente no ensino superior, obtive minha então aprovação no curso de licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Campina grande, campus sede em 2018, desde então, com algumas dificuldades sejam acadêmicas ou humanas, mas com esforço, encontro-me então na conclusão da minha tão sonhada graduação.

Dedico este trabalho inicialmente a minha mãe, Maria Roméria, que me auxiliou e me incentivou ao caminho dos estudos, acordando diversas vezes comigo na madrugada como também indo dormir, incontáveis vezes, tarde, para que eu pudesse me dedicar exclusivamente ao meu enriquecimento acadêmico em projetos, viagens e eventos. Sem ela nada disso seria possível, nunca serei capaz de expressar minha gratidão por tanto esforço e apreço a mim. Ao meu pai, Edglay, por me orientar e aconselhar nos momentos que mais precisei, como também em me apoiar em diversos momentos. Agradeço, também, ao meu noivo e companheiro de estudos, Ualison Taian, o qual foi essencialmente meu ponto de paz nesta fase de conclusão, fazendo com que este processo fosse o mais tranquilo possível.

Agradeço também aos meus professores da Unidade Acadêmica de Geografia - UAG, especialmente ao meu orientador, o professor Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo e a professora Dra. Sonia Maria de Lira que me acolheram em momentos de estudos, pesquisa e contribuições humanas dentro da minha trajetória acadêmica. Agradeço ao Grupo de Pesquisa sobre Políticas e Educação Geográfica (GPPEG) por todos os momentos e experiências compartilhadas, sem dúvida minha aprendizagem não teria sido a mesma sem esse aporte acadêmico.

Agradeço, em especial, a todos os amigos e amigas que conheci durante esse caminho, agradeço também todas as palavras de incentivo de todos que não foram mencionados aqui.

Com todos os impulsos que me fizeram chegar a esta conclusão a que aqui me estabeleço, encerro mais um ciclo, aguardando ansiosamente outros que o futuro poderá me oferecer! Obrigada!

RESUMO

O trabalho pretende apresentar a Literatura não como uma ferramenta para o ensino de Geografia, mas como reveladora dos processos geográficos, históricos, políticos, sociais e culturais, considerando assim, a Literatura como espécie símile da realidade cotidiana dos estudantes e fonte de compreensão da experiência humana. Um dos caminhos para tal realização, é a abordagem cultural da Geografia, através de concepções fenomenológicas (miméticas e factuais) mediadas pelo conceito de paisagem por meio de uma pesquisa do tipo bibliográfica. Nesse sentido, acredita-se que a Literatura, constituidora e reveladora da cultura, viabiliza a intermediação para percepção da relação homem-natureza, utilizando a interpretação de obras literárias, investigando aspectos geográficos e as relações entre os seres em determinados espaços, bem como todos os aspectos visuais que cercam tais ambientes. Tendo como base essas observações, objetiva-se mostrar a importância do conceito de paisagem através das obras literárias para o ensino de Geografia, por meio do Romance “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry, em sua adaptação por meio da Literatura de Cordel de Josué Limeira, procurando, desta forma, estabelecer uma discussão que possibilite o reconhecimento de vivências como instrumentação didática para promoção de aprendizagens. Constatou-se que através do conteúdo pedagógico adotado, reflexões subjetivas e coletivas, valoriza a ampliação de conhecimentos geográficos a partir da verificação da obra literária proposta.

Palavras-chave: Ensino de geografia. Literatura. Paisagem.

ABSTRACT

The work intends to present Literature not as a tool for teaching Geography, but as a revealer of geographical, historical, political, social and cultural processes, thus considering Literature as a kind of simile of the students' daily reality and a source of comprehension of the human experience. One of the paths for such accomplishment is the cultural approach to Geography, through phenomenological conceptions (mimetic and factual) mediated by the concept of landscape through a bibliographical research. In this sense, it is believed that Literature, as a constituent and revealer of culture, enables the intermediation for the perception of the man-nature relationship, using the interpretation of literary works, investigating geographic aspects and the relations between beings in certain spaces, as well as all the visual aspects that surround such environments. Based on these observations, the aim is to show the importance of the concept of landscape through literary works for the teaching of Geography, through the novel "The Little Prince", by Antoine de Saint-Exupéry, in its adaptation through the Cordel Literature by Josué Limeira, thus seeking to establish a discussion that allows the recognition of experiences as a didactic instrument to promote learning. It was found that through the pedagogical content adopted, subjective and collective reflections, values the expansion of geographic knowledge from the verification of the proposed literary work.

Keywords: Geography teaching. Literature. Landscape.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 POR QUE FALAR SOBRE GEOGRAFIA, LITERATURA E ENSINO?	12
2.1. Uma análise acerca do processo de ensino-aprendizagem:	15
3 PERSPECTIVAS GEOGRÁFICAS: PAISAGEM COMO CATEGORIA GEOGRÁFICA	21
3.1 Uma análise fenomenológica: paisagem geográfica e subjetividades	22
4 LITERATURA DE CORDEL: DELINEAMENTOS HISTÓRICOS E ANÁLISE TEXTUAL	26
4.1 Literatura de cordel: uma proposta pedagógica na Geografia Escolar	28
4.2 O Romance: O Pequeno Príncipe - Antoine de Saint-Exupéry	29
4.3 O cordel: O Pequeno Príncipe - Josué Limeira	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, no contexto escolar do Brasil, pouco se consegue quando o assunto é incentivo à leitura, sobretudo literaturas com grande densidade de interpretação ou gêneros pouco procurados. Nesse sentido, ocorre a desvalorização endógena da própria ciência geográfica em relação aos estudos de obras literárias. Assim, observando a estreita relação desses dois campos de conhecimento aqui apresentados (Geografia e Literatura), é possível perceber que a paisagem se apresenta como um conceito fundamental para o estudo das intersubjetividades desenvolvidas nos textos literários, em particular no Romance “O Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry. Nesse contexto, a integração entre o ensino de Geografia e a Literatura contribui para a ampliação do ensino de boa qualidade e o envolvimento dos estudantes com temáticas potencializadoras de aprendizagem na construção de conhecimento. Um dos subsídios que a Literatura pode proporcionar ao ensino de Geografia são os recursos para a ressignificação da educação tradicional que ainda prevalece nas aulas de Geografia, como também, em outras disciplinas.

Partindo do exposto, o trabalho pretende apresentar a Literatura não como uma ferramenta para o ensino de Geografia, mas como reveladora dos processos geográficos, históricos, políticos, sociais e culturais, considerando assim, a Literatura como espécie símile da realidade cotidiana dos estudantes e fonte de compreensão da experiência humana. Nesse contexto, um dos caminhos é a abordagem da nova Geografia cultural, através de teorias, conceitos, símbolos e significados, partindo-se de uma abordagem fenomenológica. Assim, acredita-se que a Literatura é constituidora e reveladora da cultura e viabiliza a intermediação da percepção da relação homem-natureza. Dessa forma, esses aspectos podem ser vistos, discutidos, analisados, utilizando-se, também, a interpretação de obras literárias e investigando aspectos geográficos.

Diante disso, o que pode ser feito para incentivar a leitura de obras e relacioná-las com os conhecimentos geográficos no ensino básico? Análises interpretativas quando aplicadas em obras como o Romance “O Pequeno Príncipe”, desenvolvem aportes para o conhecimento de contextos de paisagens, espaço e cultura, para destacar algumas possibilidades de tematização geográfica das obras que despertariam o interesse dos alunos para a descoberta da literatura por outro viés e tornando-se, ao mesmo tempo, um fator estimulante para o processo de ensino-aprendizagem dos educandos no ensino básico de Geografia.

Isto posto, destaca-se a importância da integração entre esses saberes na formação pedagógica geográfica, percebendo o processo de produção-integração disciplinar para além da dogmatização das categorias geográficas investigadas nas obras literárias, pois os efeitos visíveis da educação com relação a essa temática são decorrentes da excessiva fragmentação do conhecimento. Diante disso, esta pesquisa pode desenvolver novas perspectivas em relação à teoria da paisagem trajetiva que, atualmente, se encontra aplicada (em sua maioria) em pesquisas da geografia urbana. Sendo assim, é evidentemente importante para a geografia cultural-humanista e a sociedade em geral, uma vez que apresenta potencialidades para colaborar com modificações no modelo atual de ensino da paisagem em Geografia através de textos que fomentam, naturalmente, o encantamento e a curiosidade.

A interrogação que instiga a presente pesquisa sobrepondo Geografia e Literatura: é possível aprender geografia por meio de obras literárias? A expectativa de resposta para tal questão se efetiva no desenvolvimento deste trabalho por meio da Geografia Cultural, sendo a Literatura uma forma de observar o contexto geográfico de forma mais plural. Desta forma, busca-se contribuir para o processo de ensino-aprendizagem no tocante aos conhecimentos lítero-geográficos por meio da obra analisada e especificamente, abordar os conceitos geográficos representados na obra literária; possibilitar a vivência de sentimentos, reflexões coletivas e subjetivas, valorizando a ampliação de conhecimentos geográficos a partir da análise feita da obra literária.

Sendo assim, apresentam-se neste trabalho, observações sobre perspectivas de uma geografia escolar diferenciada e diversa. Para tal, inicia-se com um breve delineamento sobre geografia, literatura e ensino; em seguida, destacam-se os processos de ensino-aprendizagem e conceitos que instrumentalizam suas análises; por conseguinte, a paisagem é apresentada em sua significação e sob perspectiva fenomenológica por meio das subjetividades; por fim, é realizada uma análise sobre os percursos históricos da literatura de cordel e sobre suas possíveis contribuições para com o ensino de geografia, por meio, da adaptação da obra *O Pequeno Príncipe* em Cordel de Josué Limeira.

2 POR QUE FALAR SOBRE GEOGRAFIA, LITERATURA E ENSINO?

Atualmente, é usual deparar-se com o ensino tradicional de diversas disciplinas escolares, seja pela ausência de subsídios das escolas ou desinteresse e falta de oportunidade dos professores para a ressignificação dos processos de ensino utilizados em sala de aula, uma vez que, as vigentes políticas públicas educacionais, que orientam a Geografia Escolar, possuem uma grande lacuna na construção de um planejamento curricular que reúna teoria e prática. Diante disso, destaca-se a importância do ensino de Geografia para o processo de ensino-aprendizagem na busca da formação efetiva de sujeitos para com a apropriação de seu ambiente de vivência e compreensão de conceitos geográficos, visto que,

[...] o ensino de Geografia, ainda fortemente influenciado pelas práticas tradicionalistas de base positivista, muitas vezes, centradas apenas na memorização e descrição do espaço geográfico, acaba favorecendo a dicotomia homem x natureza; e diante de um espaço geográfico extremamente mutável acaba não contribuindo de forma efetiva para a leitura e a interpretação dos fenômenos inerentes a este espaço, o que leva muitos educandos a não construírem afinidade com esta disciplina. (MENEZES; CHIAPETTI, 2015, p. 236)

No entanto, faz-se imprescindível analisar o papel docente para com o processo educativo, na medida que,

[...] esses profissionais, sendo comprometidos com o ensino significativo, buscarão sua constante formação e aprimoramento de práticas educativas, visto que o saber docente consiste na instrumentalização da prática política, ética, reflexiva, crítica e, sobretudo, a de caráter do saber: o conhecimento acima de tudo e a pesquisa constante [...]. (MENEZES; CHIAPETTI, 2015, p. 237)

Destarte, a correlação entre o ensino de Geografia e a Literatura, contribui para a ampliação do ensino de qualidade e o envolvimento dos estudantes com as temáticas trabalhadas em sala, pois conforme destaca Azevedo, a:

[...] Geografia e o estudo da Literatura, como campos disciplinares, posicionam-se como ciências e disciplinas escolares que fundamentam seus postulados e abordagens na perspectiva interdisciplinar, tanto pela abrangência temática dos conteúdos quanto pela universalidade no tratamento dos sujeitos e fenômenos estudados e ensinados a partir da leitura da obra literária, identificados pela Geografia. (AZEVEDO, 2014, p. 283)

Nesse sentido, essa integração de saberes disciplinares apresenta a Literatura não como uma ferramenta de ensino, mas como reveladora dos processos geográficos, históricos, políticos, sociais e culturais, considerando assim a Literatura como a representação de realidades, já que, como aborda Candido (2006), nada passa despercebidos aos olhos do criador literário no tocante aos aspectos socioculturais e todo ambiente que o cerca.

Portanto, como destaca Marandola (2006, p. 65) “Entender a linguagem simbólica, as metáforas e as interpretações do ambiente, os esquemas ou possíveis modelos, conscientes ou inconscientes, são algumas das possibilidades da análise da obra literária”. Nesse sentido, a abordagem cultural da Geografia faz-se indispensável, pois busca entender as relações do homem com seu meio, ou seja, o lugar, sendo imprescindível no saber literário e geográfico, para com os estudos de obras literárias, sendo a paisagem, o conceito base para o aprendizado das intersubjetividades desenvolvidas em trabalhos dessa natureza.

A percepção da paisagem possibilita o entendimento do mundo real e a realidade representada a partir da subjetividade humana, entender as significações presentes nessa representação, permite a concretização da cultura no cotidiano, assim sendo, caracterizada como espaço “visível”, a paisagem neste trabalho é evidenciada como espaço de significações concebidas através do sujeito e/ou de sua sociedade, desta maneira,

Um estudo de valorização de paisagem sob uma abordagem humanista pressupõe, assim, um certo deslocamento da atenção do objeto externo para os fenômenos que ocorrem com os sujeitos que a vivenciam, não no sentido de determinar ou quantificar as forças psíquicas envolvidas, mas de descrever e analisar a maneira pela qual as pessoas partilham essas relações existenciais. (CABRAL; BUSS, 2002, p. 51)

Percebe-se então, essa categoria geográfica em constante dinamicidade, por meio da compreensão e modificação do sujeito em busca por suas significações, valores e sentimentos, em que,

Por tudo isto é que a paisagem torna-se um espaço plástico, apto a ser configurado tanto pelas percepções, valores e atitudes individuais como pelas representações coletivas e, desse modo, sempre se traduzindo numa oportunidade de (re)construção de significações. (CABRAL; BUSS, 2002, p. 60)

À vista disso, esta pesquisa pode estimular o desenvolvimento de novas perspectivas no tocante à teoria da paisagem trajetiva. Nesse aspecto, assinala-se que Holzer discute paisagem e cultura a partir do conceito de trajetão elaborado por Berque, de modo que “[...]a trajetão é definida como “o movimento reversível (cíclico, mas não circular) de dar forma (*de la mise em forme*) ao mundo, na apropriação recíproca de um povo e um país (*pays*), da humanidade e da Terra”. (BERQUE apud HOLZER, 2008 p. 159).

Assim sendo, Holzer evidencia dois conceitos elaborados por Berque que são pertinentes de observação neste espaço:

A paisagem é uma marca, porque exprime uma civilização, mas também é uma *matriz*, porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação – isto é, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e

com a natureza, em outras palavras, com a paisagem de seu ecúmeno (1998, p. 85). (BERQUE apud HOLZER, 2008 p. 161).

Por conseguinte, Lewis (apud HOLZER, 2008, p. 163) apresenta mais um conceito notável:

Trata-se de uma paisagem vernacular da qual nos fala Lewis (1979), a das pequenas ocorrências, do cotidiano, dos fatos guardados na memória, das versões, dos vestígios, que vão permitir uma aproximação com a paisagem onde palpita o mundo vivido dos que lá estão e dos que lá estiveram. Ele nos fala da trajetória. (HOLZER, 2008, p. 163)

Portanto, Holzer destaca a Paisagem trajetória observando que: “Ela se refere ao constante movimento, à dialética entre ação humana e o ambiente, enfocada a partir da produção dos edifícios e dos assentamentos na paisagem”. (HOLZER, op. cit, p. 164). Consequentemente, esse estudo representa relações e conhecimentos muito dessemelhantes daqueles considerados e reconhecidos pela análise “descritiva” geográfica, visto que a partir da interpretação de obras literárias por uma ordem espacial, pode-se entender suas possíveis significações sob um ponto de vista geográfico, no qual as paisagens de nossa vida cotidiana estão cheias de significados, pois segundo Marandola (2006, p. 64) “[...] A literatura, enquanto portadora destes sentidos e significados, enriquece e complementa a realidade buscada pelo geógrafo”.

Mas ainda podem surgir questionamentos, “Qual a utilidade de apresentar lugares utópicos aos alunos?”, “Onde está a cientificidade nessa temática?”, estas leituras configuram-se mais prazerosas que inúmeros livros didáticos, pois incorporam “fenômenos” ao dia-a-dia dos estudantes. Como destaca Marandola:

Quando se levanta a possibilidade do estudo da Literatura pelo geógrafo, alguns podem perguntar se isso está na sua alçada. Ou ainda, poderão questionar: que relação tem o geógrafo, cientista em busca da verdade, com o romance, obra que está comprometida com a ficção? Porém, é seu aparente descompromisso com a facticidade empírica que faz com que a Literatura possa alcançar níveis de conhecimentos que podem estar muitas vezes inacessíveis ao método científico. (MARANDOLA, 2006, p. 63)

Tendo como base tais assertivas, observa-se que é possível contribuir para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do ensino básico, em relação aos conhecimentos geográficos por meio dos textos literários como é o caso aqui proposto com o Romance “O pequeno príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry em sua adaptação nordestina em Literatura de Cordel, do autor Josué Limeira, procurando desta forma, estabelecer uma discussão que possibilite a vivência de sentimentos, reflexões coletivas e subjetivas, reproduzindo as paisagens metaforicamente trabalhadas no livro, valorizando a ampliação de conhecimentos

geográficos a partir da análise da obra literária proposta. A apresentação da paisagem no livro bem como a visão e percepção dos personagens e o discurso narrativo, é que vão dar sentidos, significações aos espaços, ambientes gerando, assim, a perspectiva fenomenológica que alimenta nossa análise.

2.1. Uma análise acerca do processo de ensino-aprendizagem:

Primeiramente, a ideia a se ressaltar, cabe aos elementos que auxiliam na reflexão de práticas educativas geográficas, nas quais os processos de ensino-aprendizagem possuem papel indissociável para a elaboração de metodologias de ensino que priorizem a qualidade e construção social crítica dos sujeitos.

Para possibilitar o alcance do resultado esperado no processo de aprendizagem dos estudantes, são necessárias algumas etapas precedentes a execução das aulas programáticas, sendo algumas delas, identificação da temática a ser desenvolvida, planejamento para realização da aula e efetivação da aula estruturada. À vista disso, exige-se o conhecimento das abordagens e metodologias de ensino que serão utilizadas nesse processo de construção do ensino de Geografia, consoante ao que dizem Menezes e Chiapetti,

[...] no processo de ensino-aprendizagem, o docente acaba sendo o principal responsável em conduzir as etapas necessárias para uma boa mediação didática. Infelizmente muitos docentes, por não planejarem, acabam caindo no improviso, deixando lacunas em sua ação didática e comprometem o resultado do ensino como um todo. Portanto, o sucesso para o alcance dos objetivos no processo de ensino-aprendizagem está necessariamente atrelado ao comprometimento com o planejamento didático. (MENEZES; CHIAPETTI, 2015, p. 241)

Na percepção que se perpetua a contemporaneidade, a realidade educacional estabelece-se então, na necessidade para com a evolução do processo de ensino-aprendizagem, como sendo o conhecimento, uma elaboração constante. À vista disso, discute-se algumas abordagens processuais indispensáveis para a compreensão dos obstáculos presentes no atual cenário educacional em suas práticas pedagógicas, com a finalidade na adaptação de tais abordagens considerando desse modo, a metodologia subjetiva e coletiva em que se sucede este trabalho.

A princípio, a abordagem tradicional é uma prática educacional que perpassa os tempos se redefinindo em diferentes delineamentos, oferecendo um aporte teórico para expansão e construção das seguintes abordagens desenvolvidas. O ensino tradicional é o método “verdadeiro” e mais seguro para a aquisição de conhecimento, por meio da transmissão de

conteúdo, sendo centrada no professor, o aluno é um ouvinte apático que repete o conhecimento obtido, um “depósito” de informações selecionadas (MIZUKAMI, 1986).

Pode-se destacar, a abordagem tradicional como um processo autocentrado que não proporciona, em sua maioria, a evolução de cidadãos e cidadãs críticos e reflexivos, preparados para situações cotidianas, organizando-se como uma educação intuitiva que estimula a memorização, antepondo-se ao produto, desconsiderando o processo com metodologias limitadas e avaliações padronizadas. Conforme destaca Mizukami,

Usualmente, o assunto tratado é terminado quando o professor conclui a exposição, prolongando-se, apenas, através de exercícios de repetição, aplicação e recapitulação. O trabalho continua mesmo sem a compreensão do aluno e somente uma verificação a posteriori é que permitirá ao professor tomar consciência desse fato. (MIZUKAMI, 1986, p. 16)

Portanto, a abordagem tradicional é apresentada com a finalidade de avaliar a quantidade de elementos que os alunos, ao final do processo, são capazes de replicar. Diante disso:

[...] A ênfase não é colocada no educando, mas na intervenção do professor, para que a aquisição do patrimônio cultural seja garantida. O indivíduo nada mais é do que um ser passivo, um receptáculo de conhecimentos escolhidos e elaborados por outros para que ele deles se aproprie. (MIZUKAMI, 1986, p. 18)

Continuamente, analisa-se a abordagem comportamentalista, centrada no comportamento observável em sua relação com o meio, similar ao ensino tradicional, “o conteúdo visa objetivos e habilidades que levem à competência. O aluno é considerado como um recipiente de informações e reflexões. [...] (MIZUKAMI, 1986, p. 20). Em síntese, verifica-se que as habilidades individuais são desenvolvidas conforme o meio em que se relaciona, em que ocorrem reações a partir de estímulos externos e no qual o comportamento se estrutura e se reforça coletivamente. Nesse processo a experiência origina diretamente o conhecimento, contudo,

Segundo essa abordagem, considerando-se a prática educacional, não há modelos ou sistemas ideais de instrução. A eficiência na elaboração e utilização dos sistemas, modelos de ensino, depende, igualmente, de habilidades do planejador e do professor. Os elementos mínimos a serem considerados para a consecução de um sistema instrucional são: o aluno, um objetivo de aprendizagem e um plano para alcançar o objetivo proposto. (MIZUKAMI, 1986, p. 31)

Isto posto, Mizukami enfatiza que, “[...] O professor, neste processo, é considerado como um planejador e um analista de contingências ou mesmo, como se denominou mais recentemente, um engenheiro comportamental.” (1986, p. 32). Portanto, “Como consequência dessa abordagem, fica claro que o que não é programado não é desejável.” (MIZUKAMI, 1986, p. 36)

Opondo-se ao comportamentalismo, a abordagem cognitivista dispõe-se a análise da mente, aos processos centrais do indivíduo, no qual,

A cognição é o processo por meio do qual o mundo de significados tem origem. Os significados não são entidades estáticas, mas pontos de partida para a atribuição de outras significações que possibilitam a origem da estrutura cognitiva sendo as primeiras equivalências utilizadas como uma ponte para a aquisição de novos significados. (SANTOS, 2006, p. 101)

Verifica-se então, nesta abordagem, o processo de ensino-aprendizagem que enfatiza o desenvolvimento cognitivo com base na construção do conhecimento mediada pelo professor. O cognitivismo possui potencialidade para a formação do pensamento crítico e reflexivo, visto que desde a infância ocorrem situações que permitem o desenvolvimento de suas funções cognitivas essenciais.

À vista disso, para a compreensão dos processos didáticos fundamentais ao ensino de Geografia comprometido com a construção efetiva do conhecimento, Lev Vygotsky, importante psicólogo histórico-cultural, possui papel notável na observação da cognição e desenvolvimento intelectual das crianças a partir das interações sociais, como observam Vieira e Camargo:

Partindo dessa premissa deve-se considerar os sujeitos do processo de ensino aprendizagem como sujeitos ativos, que dispõe de conhecimentos prévios e estão inseridos em determinado contexto sócio-histórico-cultural. Nesse sentido contemplando todos esses elementos será alcançado com proficiência a aprendizagem sobretudo em questão a geografia. (VIEIRA; CAMARGO, 2021, p. 90420)

Desse modo, a aprendizagem não é transmissão de conhecimentos, sendo assim, um processo interno, ativo e interpessoal, pois “[...] a consciência é veiculada ao social e partir das relações que os homens estabelecem entre si, por meio de uma atividade sócio-cultural, portanto pela mediação da linguagem. ” (VIEIRA; CAMARGO, 2021, p. 90426), conforme Vieira e Camargo:

Para alcançar êxito no processo de aprendizagem dos conteúdos de geografia se faz necessário a utilização da Teoria Histórico-Cultural proposta por Vygotsky principalmente no que se refere as metodologias de ensino. A partir delas considera-se os educandos como sujeitos sócio-históricos, que dispõem de uma bagagem cultural particular que nestes sujeitos também está contido uma carga emocional e afetiva, deve-se levar em conta o contexto cultural de cada educando e considerar a geografia a qual se os mesmo se inserem. Em face seria ver o sujeito maior que a geografia e não como de costume uma geografia maior que os sujeitos. [...] ” (VIEIRA; CAMARGO, 2021, p. 90430)

Fundamentado no interacionismo, na mediação pedagógica e na linguagem intersubjetiva e intrasubjetiva, Vygotsky, elaborou conceitos para o desenvolvimento de sua

teoria, os quais são discutidos aqui e que Cavalcanti destaca como sendo a internalização e mediação,

A internalização é um processo de reconstrução interna, intrassubjetiva, de uma operação externa com objetos que o homem entra em interação. Trata-se de uma operação fundamental para o processo de desenvolvimento de funções psicológicas superiores e consiste nas seguintes transformações: de uma atividade externa para uma atividade interna e de um processo interpessoal para um processo intrapessoal [...] O segundo aspecto é o da criação da consciência pela internalização, ou seja, Vygotsky alerta, como dizem seus estudiosos, para o fato de que esse processo não é o de uma transferência (ou cópia) dos conteúdos da realidade objetiva para o interior da consciência, pois esse processo é, ele próprio, criador da consciência [...]. (CAVALCANTI, 2005, p. 188)

Como mediação no processo de ensino-aprendizagem, Cavalcanti, evidencia, “[...] Para Vygotsky, a linguagem é desde o início social e ambientalmente orientada e desenvolvida no sujeito por um processo intrapsíquico, destacando-se aí o discurso egocêntrico. [...]” (2005, p. 190). Portanto,

[...] A linguagem, então, é uma ferramenta da consciência, que tem a função de composição, de controle e de planejamento do pensamento e, ao mesmo tempo, tem uma função de intercâmbio social. Os significados das palavras compõem a consciência individual, mas são, ao mesmo tempo, construídos no âmbito interindividual, têm um caráter social. (CAVALCANTI, 2005, p. 188)

Cavalcanti (2005) a partir da conceituação de Vygotsky, observa que a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) influencia no processo de desenvolvimento mental, que possibilita a estimulação de diversos processos internos, viabilizando ao professor de instrumentos significativos em sua mediação a partir do nível de desenvolvimento real (determinado através da solução individual de problemas) e do nível de desenvolvimento potencial (determinado através da solução de problemas sob orientação), diante disso,

O trabalho escolar com a ZDP tem relação direta com o entendimento do caráter social do desenvolvimento humano e das situações de ensino escolar, levando-se em conta as mediações histórico-culturais possíveis nesse contexto. Para Vygotsky, o aluno é capaz de fazer mais com o auxílio de uma outra pessoa (professores, colegas) do que faria sozinho; sendo assim, o trabalho escolar deve voltar-se especialmente para esta “zona” em que se encontram as capacidades e habilidades potenciais, em amadurecimento. Essas capacidades e habilidade, destaca o autor, uma vez internalizadas, tornam-se parte das conquistas independentes da criança. (CAVALCANTI, 2005, p. 194)

Deve-se salientar a complexidade da mediação pedagógica e sua linguagem, sendo fundamental para os processos cognitivos e então a capacidade de desenvolver a formação de conceitos, sendo primordiais para a categorização do real e atribuição de significados. Tais reflexões, buscam apresentar uma percepção sobre a teorização de Vygotsky e sua contribuição

para desenvolvimento do presente trabalho, como orientação metodológica, sobre o papel dos processos de ensino-aprendizagem no desenvolvimento individual do sujeito, pois,

Como propõe Vygostky, a linguagem é uma ferramenta que se constrói nos processos intersubjetivos para depois se tornar uma ferramenta intra-subjetiva, uma ferramenta do pensamento. É dessa forma que o autor propõe como unidade dos processos da linguagem e do pensamento o significado das palavras. No trabalho com o significado, no diálogo com a linguagem geográfica, na introdução de conceitos científicos e na busca de sua apropriação pelo aluno, está a possibilidade do processo de generalização, que é fundamental para o pensamento conceitual [...]. (CAVALCANTI, 2005, p. 200)

Dessa forma,

O trabalho com o conteúdo geográfico, para que ele se torne ferramenta do pensamento do aluno, implica a comunicação em sala de aula que busque significados, que considere a experiência imediata do aluno, mas que a extrapole; que busque a generalização dos conceitos e o entendimento de sistemas conceituais; que busque também trabalhar com outras dimensões da formação humana, como a emocional, a social. e não apenas a cognitiva, a racional, que está mais ligada à formação de conceitos. (CAVALCANTI, 2005, p. 202)

Portanto, para interpretar a interação professor/aluno partindo da observação inconclusiva, interpretando os significados culturais característicos ao comportamento verbal e não verbal, são indispensáveis tais considerações acerca de fundamentos teóricos que orientem a aplicação dessas abordagens à ação pedagógica do professor, que entendam então, o aluno em suas especificidades, pois,

Ao pensarmos o ensino de Geografia para a formação de uma sociedade com indivíduos que pensam criticamente, estaremos automaticamente construindo um foco na formação do cidadão. Deste modo, levar o educando a pensar criticamente o espaço por ele experienciado é lhe dar a oportunidade de vivenciar o protagonismo de sua história e, conseqüentemente, da própria sociedade [...]. (MENEZES; CHIAPETTI, 2015, p. 238)

Assim, a escola sendo um dos locais de construção do conhecimento, o professor como mediador dessa estruturação e o meio social que influencia nesse processo, para que então, seja analisada a subjetividade e criticidade em que o conhecimento se estabelece, em conformidade com Menezes e Chiapetti:

[...] podemos perceber que o ambiente escolar é um espaço desafiador e exigente, pois em sua dinâmica de trabalho há confluência de muitas realidades e vivências que serão orientadas a partir de uma proposta didática, tendo como fim a construção de conhecimentos. Portanto, o docente que assume a tarefa de mediador entre o sujeito e o objeto do conhecimento precisa estar consciente e seguro de que sua proposta didática tenha uma natureza formativa, comprometida com o progresso do educando. (MENEZES; CHIAPETTI, 2015, p. 239)

Assim sendo, por meio da aula, a aplicação do planejamento docente atinge um dos níveis do processo de ensino ao desenvolver a construção do conhecimento crítico aos alunos,

pois deve ser um espaço de diálogo e reflexões, tendo no planejamento seu ponto de partida, direcionando-o às necessidades do educando, possuindo como finalidade a formação de discentes e cidadãos ativos, reflexivos, críticos e participativos na sociedade em que vivem.

3 PERSPECTIVAS GEOGRÁFICAS: PAISAGEM COMO CATEGORIA GEOGRÁFICA

Para o desenvolvimento do pensamento geográfico é fundamental a compreensão das categorias geográficas que se configuram como base para tal processo, mas, especificamente, a paisagem, objeto de estudo do presente trabalho. Em tal caso, Andreis e Callai (2019, p. 90) apresentam que “[...] a categoria tem como pressuposta a convocação do sujeito à participação no processo reflexivo, que envolve conceitos abrangentes a partir de uma perspectiva escolhida. [...]”. Dessa forma, destaca-se a relevância em analisar reflexões firmadas em ponderações significativas para enriquecer esse processo geográfico.

Assim sendo, Jófili destaca que:

[...] espera-se que o novo conhecimento não seja aprendido mecanicamente mas ativamente construído pelo aluno, que deve assumir-se como o sujeito do ato de aprender. Eu gostaria também de sugerir que o professor provocasse nos seus alunos o desenvolvimento de uma atitude **crítica** que transcendesse os muros da escola e refletisse na sua atuação na sociedade. (JÓFILI, 2002, p. 197)

Portanto, nesse processo Jófili ressalta que “[...]para tornar a aprendizagem mais efetiva, os professores deveriam planejar suas lições levando em consideração tanto a forma como os alunos aprendem como os conceitos prévios que trazem.” (JÓFILI, 2002, p. 197). Concede-se então, ao aluno, a autonomia em relação a sua própria aprendizagem, mediada pelo professor, que deve ser flexível a mudanças pedagógicas, tornando os estudantes cidadãos críticos e conscientes, capazes de associar suas vivências aos conteúdos estudados (JÓFILI, 2002). Desta forma, “[...]ensinar não é apenas transmitir o conhecimento acumulado pela humanidade, mas fazê-lo significativo para os alunos.” (JÓFILI, 2002, p. 201).

Sob o mesmo ponto de vista, identifica-se a pertinência dessa abordagem e envolvimento dos alunos, para o seu desenvolvimento pessoal e científico, no qual:

[...]professores abertos e sensíveis ao diálogo com seus alunos buscam contribuir para o processo de atribuição de significados aos conteúdos trabalhados, baseados em cada contexto específico, de acordo com as representações dos alunos, considerando suas capacidades individuais e de grupo, mas dirigindo o processo a fim de promover aprendizagem – Formação de conceitos – “adiantando” seu desenvolvimento, buscando “quebrar” barreiras entre conhecimentos científico, escolar e cotidiano. (CAVALCANTI, 2012, p. 17)

Para a cientificidade geográfica, muitas vezes só se considera a descrição física da paisagem, ignorando qualquer outra discussão sobre sua concepção, tornando-se um

pensamento obsoleto e materialista que impossibilita a criticidade em que se analisam as mais variadas formas de se refletir as categorias geográficas. Todavia,

[...] a atenção deve ser redobrada ao se utilizar de uma linguagem extremamente literária, com extrema proximidade com a Literatura, já que esta é, por natureza, uma complexidade de leituras, particularmente ao integrar variadas possibilidades de interpretação e de compreensão do mundo, relacionadas com as perspectivas de onde se originam as leituras: a do escritor e a do leitor. [...] (SUZUKI, 2017, p 131)

Nesse caso, destacam-se algumas observações teóricas relativas ao conceito tradicional e subjetivo de paisagem, utilizando a fenomenologia como contribuição metodológica para desenvolver novas análises a essa categoria.

3.1 Uma análise fenomenológica: paisagem geográfica e subjetividades

Referindo-se ao conceito de paisagem, Santos (2014, p. 67) define que, “Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”. De acordo com Santos (2014, p. 68), a cognição é essencial para a compreensão da dimensão da paisagem, pois cada sujeito a identifica de forma diferente, a depender de sua interpretação individual, portanto, “[...]discutir essa pluralidade conceitual e cognitiva é, no âmbito da geografia, sem dúvida um grande desafio. [...]” (SCHIER, 2003, p. 85).

No Romance “O Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry, mais precisamente em sua adaptação nordestina em cordel, de Josué Limeira, com base na apropriação das paisagens morfológicas reproduzidas por paisagens simbólicas nessa obra literária, verifica-se como o indivíduo compreende a sociedade. Como enfatiza Schier (2003, p. 81), “[...] não se trata mais da interação do homem com a natureza na paisagem, mas sim de uma forma intelectual na qual diferentes grupos culturais percebem e interpretam a paisagem, construindo os seus marcos e significados nela. [...]”. Isto posto, observamos a geograficidade a partir do referido romance, tomando como base a categoria geográfica paisagem, para compreender sua significação a partir da percepção dos personagens e do narrador como condiz aos preceitos fenomenológicos.

A noção, mediada pela fenomenologia, observa a essência da concepção metaforizada nas entrelinhas da obra em análise, a qual possibilita apreender o subjetivismo geográfico cultural, dado que “[...]a paisagem é a realização e materialização de ideias dentro de

determinados sistemas de significação. Assim, ela é humanizada não apenas pela ação humana, mas igualmente pelo pensar. Cria-se a paisagem como uma representação cultural” (SCHIER, 2003, p. 81). Logo, a paisagem nessa pesquisa, apresenta-se, também, como um “elemento simbólico”, que compõe e identifica o mundo, mas também revela os sentimentos, visão de mundo e percepções e vivências socioculturais a partir da percepção dos personagens e das relações entre os elementos do texto. Consoante a essas ideias:

No estudo da Geografia-cultural Humanista e na Literatura, a paisagem não é vista apenas como um fenômeno morfológico, como já mencionamos, mas a partir da percepção que surge da análise e do modo como o sujeito percebe o mundo, essa forma de perceber o mundo se torna apropriação da fenomenologia que estuda a essência da percepção, a qual irá estudar como se dá esse processo. (SILVA; AZEVEDO, 2021, p. 347)

Dessa forma, “[...] a fenomenologia é o aporte para que se possa entender de onde surgem as ideias e como essas são estabelecidas a partir da percepção de cada sujeito. [...]” (SILVA; AZEVEDO, 2021, p. 348), em que como afirma Silva e Azevedo, o “mundo percebido” é focalizado nos sentidos e subjetividades por meio do “mundo real”, a experiência vivida é essencial para este processo, pois nele o sujeito entende e constrói seu espaço (2021, p. 348), confirma-se então que,

O mundo existe a partir da interpretação, são as ideias que o constroem, surge a partir da imaginação do sujeito, da construção feita por ele. Ideias dão origem aos espaços que são apropriados formando ambientes que se distinguem a partir do conhecimento de mundo que cada sujeito possui. A apropriação do espaço faz com que se criem vínculos com o mesmo. Ele começa a ser visto de forma subjetiva, e o lugar do sentimento passa a ser importante para as pessoas. (SILVA; AZEVEDO, 2021, p. 350)

Consequentemente, a paisagem e suas significações incentivam a imaginação, levando o ser a espaços reais em sua individualidade, cada percepção da paisagem propicia uma nova representação e significação, na Literatura tal cognição é desenvolvida pelos personagens da obra interpretada, em o “Pequeno Príncipe” não é diferente, com o príncipezinho, a raposa, a rosa e tantos outros percebem o espaço vivido. Assim sendo, “A paisagem simbólica, em sua essência, representa e reproduz a conduta cultural de determinado povo ou indivíduo determinando seus valores dentro de uma sociedade, sobre a dimensão simbólica” (SILVA; AZEVEDO, 2021, p. 353)

A fenomenologia trata-se de um método crítico, uma filosofia do subjetivo que capta e explica a realidade. Nesse contexto, destaca Lencioni (1999, p. 150-1, apud SPOSITO, 2004).

[...] que a fenomenologia consiste num método e numa forma de pensar, nos quais a ‘intencionalidade da consciência’ é considerada chave” porque a “consideração da percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica

importante e fundamental”, procurando romper “a oposição entre sujeito e objeto, tanto quanto entre ator e observador” e firmando-se “uma visão antropocêntrica do mundo e uma recuperação do humanismo que a Nova Geografia havia feito desaparecer com seus modelos teóricos” [...]. (LENCIONI, 1999, p. 150-1, apud SPOSITO, 2004).

A fenomenologia é muito mais que um método, uma norma ou uma filosofia, a fenomenologia nos permite a retomada das experiências e práticas espaciais originais, nas quais predisposmos nossas alusões de mundo e lugar. Portanto, “[...] Essas referências se constroem através da elaboração científica, com a criação de representações conceituais (paisagem, região, território, entre outras), mas também na vida cotidiana, muitas vezes sem vestígio de elaboração conceitual ou mesmo de conscientização.” (SERPA, 2019, p. 09).

Consequentemente:

Se, por um lado, enfatiza que representação não é necessariamente ideologia, por outro, afirma que é impossível a vida sem representação, que as representações são formas de comunicar e reelaborar o mundo, aproximações da realidade que, no entanto, não podem substituir o mundo vivido. É justamente quando o vivido é substituído pelo concebido que a representação se torna ideologia. (SERPA, 2014, p. 488)

De acordo com Lefebvre, (2000, apud SERPA, 2014, p. 494)

A articulação entre fenomenologia e dialética justifica-se neste contexto como uma necessidade de método para a compreensão dos processos de produção do espaço, procurando-se explicitar o caráter intersubjetivo, intencional e contraditório destes processos, através de uma abordagem geográfica focada nas práticas espaciais, nos espaços de representação e nas representações do espaço. (LEFEBVRE, 2000, apud SERPA, 2014, p. 494)

Sendo assim, um método descritivo que proporciona a experiência estética através da complexidade da interpretação de uma obra literária, considerando seus diversos elementos na reciprocidade das suas relações, a fenomenologia se mostra como uma pesquisa objetiva das significações e abstrações, por meio da atividade constitutiva, tendo como fundamento o próprio objeto, em sua intencionalidade. Como afirma Gil:

A pesquisa fenomenológica busca a interpretação do mundo através da consciência do sujeito formulada com base em suas experiências. Seu objeto é, portanto, o próprio fenômeno tal como se apresenta à consciência, ou seja, o que aparece, e não o que se pensa ou se afirma a seu respeito. Tudo pois, tem que ser estudado tal como é para o sujeito, sem interferência de qualquer regra de observação. Para a fenomenologia, um objeto pode ser uma coisa concreta, mas também uma sensação, uma recordação, não importando se este constitui uma realidade ou uma aparência. (GIL, 2010, p. 39)

Por fim, para encontrar seu significado, através da observação das paisagens e lugares apresentados na obra literária a ser analisada. Referindo-se ao processo de ensino-

aprendizagem, tais percursos metodológicos, propiciam novos caminhos pedagógicos em sala de aula as inúmeras realidades identificadas neste âmbito lítero-educacional.

4 LITERATURA DE CORDEL: DELINEAMENTOS HISTÓRICOS E ANÁLISE TEXTUAL

A partir de todas as reflexões discutidas até aqui, evidencia-se o poder que obras literárias possuem em permitir que o leitor se identifique consigo mesmo e com suas vivências, e a cada nova leitura se redescubra, com novos olhares e perspectivas em relação à realidade histórica e social em que se encontra. Diante disso, versar sobre o subjetivo do sujeito, é antes de mais nada entender que,

Memória e identidade são processos de personalidade própria que deve ser considerada, mas que na vida vivida se mesclam em dependência simbiótica: as identidades não existem sem memória, e a memória, por sua vez, é fértil geradora das memórias necessárias. Por isso, aqui, elas se apresentam em conjunto. (MENESES, 2019, p. 238)

Diante disso, confirma-se que,

A imaginação tem o poder de formar imagens para atender a esta sede de novidade, própria do imaginário, que Bachelard (*L'air et les songes*) define como a própria essência do psiquismo humano. Mas ele considera mais relevante o poder de nos libertar das imagens primeiras fornecidas pela percepção imediata, deformá-las, transformá-las, não só combiná-las. Tem a função, portanto, de nos ensinar um olhar novo: é preciso constantemente reaprender a olhar. Daí a força política da imaginação, a possibilidade de negar a realidade tal como ela nos é imposta. [...] (MENESES, 2019, p. 237)

O subjetivo real possibilitado pela literatura, sendo simbólico, assemelha-se ao concreto existencial. Menezes e Chiapetti (2015) afirmam que na literatura o estabelecimento desse realismo a partir de uma identidade cultural regional, no qual suas representações estabelecem significado, permitem então, sua “visualização” e aprendizagem.

Diante disso, buscando especificar possibilidades de aprendizagem geográfica a partir da integração com a literatura, por suas diversas características que concedem o interesse para a leitura, tornando o docente mediador e incentivador da mesma no processo de ensino-aprendizagem, perspectivas históricas e educacionais acerca da Literatura de Cordel que em suas ressignificações temporais, demonstra sua potencialidade educacional e metodológica, por meio da versão a ser analisada da obra “O Pequeno Príncipe em Cordel” de Josué Limeira, de modo que, “A literatura de cordel é uma literatura popular, com versos em rimas, contos de casos da realidade, romances escritos e contados em linguagem popular, que durante muitos anos era o meio de informação mais utilizada no período de colonização do Brasil.” (OLIVEIRA, 2018, p. 1).

Salienta-se que em sua historicidade,

A literatura de Cordel é, então, uma tradição que vem desde a época da colonização passando por modificações para se adaptar à nossa realidade. Nessa perspectiva, a importância da Literatura de Cordel se justifica pela relevância na transmissão de conhecimentos e tradições que formaram o povo brasileiro, ao passo que ajudava financeiramente muitos poetas e vendedores ambulantes. No Nordeste, se consagrou como poesia do povo e para o povo, tratando de temas caros à cultura popular, além de temas de grande impacto para o público, indo desde notícias nacionais até as internacionais. (ROCHA; OLIVEIRA, p. 7)

Através da colonização e outros fatores, foi estabelecida a consolidação da Literatura de Cordel no Nordeste do Brasil, como instrumento de comunicação para a população dos sertões nordestinos e manutenção da cultura popular nacional, identidades e tradições regionais.

[...] a Literatura de Cordel desempenha um papel importante na preservação da cultura, e apresenta uma riqueza preciosa para a vida do povo nordestino que, através dela, sente-se valorizado, exprime suas alegrias e angústias, ao mesmo tempo em que reforça sua resistência e faz a experiência da humanização cotidiana que a força da poesia possibilita. (ROCHA; OLIVEIRA, p. 11)

De modo que faz-se indagar que, “[...] Assim, e tendo em vista a história da expansão da língua portuguesa no Brasil, torna-se aqui uma produção literária que atravessou e testemunhou toda essa história de consolidação linguística do português brasileiro: a literatura de cordel. [...]” (SILVA; TOMÁCIO, 2014, p. 46), uma vez que, a Literatura de Cordel se impôs no espaço colonial, porém,

[...] é preciso notar que essa literatura, a despeito de toda a crítica marginalizante que recaí sobre ela, foi importante para a consolidação dessa poética no Nordeste do Brasil, região por onde começou a colonização portuguesa no país, e onde ainda hoje sobrevive com grandeza e vivacidade as expressões oral e escrita de uma literatura popular representativa da cultura brasileira. (SILVA; TOMÁCIO, 2014, p. 46)

É possível observar o papel histórico-cultural que a literatura de cordel desenvolveu e desenvolve em seu acompanhamento para com o avanço da língua portuguesa no Brasil, apesar de ser considerada uma “paraliteratura”, não deve se desconsiderar o papel central no desenvolvimento linguístico e informacional brasileiro, recriando-se através do folheto lusitano espanhol, resultando em uma nova literatura adaptada à existência brasileira.

Por conseguinte, em sua construção, a literatura de cordel se instituiu a partir de realidades indissociáveis a oral e a escrita, na cantoria os versos eram produzidos e cantados oralmente; a partir dessa prática oral surgiram duas outras: as peijas que são desafios orais em duplas e os repentes sendo poesias improvisadas durante a transmissão oral individual ou em dupla, para tal, outro fator contribuiu para a conservação da oralidade: o baixo nível de

alfabetizados e o isolamento social em que as famílias viviam distantes entre si, com o progresso da alfabetização, diminuiu-se as cantorias e deu-se espaço aos folhetos de cordéis. (SILVA; TOMÁCIO, 2014), em conformidade com Rocha e Oliveira,

O cordel surgiu da necessidade de se registrar as pelejas de viola, mas difere do repente pelo fato de que seus versos raramente ficam propensos aos erros de metrificação, rima e cadência, já que os poetas dispõem de mais tempo para pensar a poesia e desenvolvê-la com primor. (ROCHA; OLIVEIRA, p. 4)

Perante o exposto,

Na região Nordeste do Brasil, as temáticas que alimentam o universo das histórias de cordel, como a religiosidade popular, a miséria econômica, os personagens típicos e históricos, o folclore, as tragédias amorosas, o meio ambiente, dentre outros, contribuem para a disseminação e fortalecimento da memória cultural regional, sendo este gênero de linguagem sempre relacionado a essa região na produção literária, cinematográfica e televisiva. (MENEZES; CHIAPETTI, 2015, p. 247)

Dessa maneira, a literatura apresenta-se como patrimônio cultural e importante ferramenta pedagógica, contribuindo para a dinamização de aulas, favorecendo a reflexão e construção de cidadãos críticos.

4.1 Literatura de cordel: uma proposta pedagógica na Geografia Escolar

Constata-se que a literatura de cordel “[...] proporciona um intercâmbio de diversidades, pois valoriza as identidades formadas a partir da articulação entre as diferenças de grupos sociais.” (OLIVEIRA, 2018, p. 4). No entanto, observa-se que a literatura de cordel é pouco utilizada em sala de aula, mesmo no Nordeste brasileiro, dado que,

A sala de aula é um espaço apropriado para a produção e aquisição de saberes e, ao levar os folhetos de cordel para a sala de aula, o professor pode oferecer várias temáticas que podem ser abordadas em conteúdos de muitas disciplinas através da interdisciplinaridade, oferecendo a possibilidade do educando dialogar com outras culturas [...]. (OLIVEIRA, 2018, p. 5)

Pode-se destacar, que ao utilizar cordéis como ferramenta educativa no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia, o educador poderá aproximar o aluno a novas representações acerca da poesia, regionalismo e linguagem, a reflexão das informações desenvolvidas no cordel permitem a materialidade do mesmo, havendo nexos e coerência entre a teoria e a realidade, ainda assim,

No entanto, para o uso de um texto de literatura de cordel no processo de ensino-aprendizagem, faz-se necessária antes de tudo uma análise mais profunda do contexto em que seus versos foram criados, pois, o cordel sendo produto de uma época e de um lugar pode ser um meio de vinculações ideológicas desnecessárias ou impróprias para espaço escolar. Também, por ser um gênero de linguagem fácil e agradável pode

ocorrer um esvaziamento didático e de seu significado e, conseqüentemente, uma desvalorização de seu uso. (MENEZES; CHIAPETTI, 2015, p. 247)

Diante disso, “A escola, espaço de diversidade, onde alunos têm a oportunidade de conhecer e aprender diversos temas literários, a literatura de cordel proporciona ao aluno conhecer realidades sociais através de sua linguagem mostrada pelo olhar do autor.” [...] (OLIVEIRA, 2018, p. 10). Os cordéis possibilitam ao educador um caminho para o ensino de outras realidades culturais divergentes a de seus alunos, “[...] onde o regionalismo que as histórias contidas nos livretos de cordel relacionam a vivência de um povo popular, assim, na leitura e discussão de cordel em sala de aula aproxima os alunos de conhecer novas culturas.” (OLIVEIRA, 2018, p. 19)

Em aspiração constante para valorização no que se concerne a nossa cultura popular nordestina, a pesquisa e a apreciação da literatura de cordel abrem possibilidades para abordagens regionalistas na escola, levando o conhecimento sobre a cultura popular e novas leituras poéticas, consoante a Rocha e Oliveira,

E com o Cordel não é diferente! Porque a poesia é envolvente, tem uma força sublime que é capaz de transformar o coração e lapidar o pensamento. Quando se tem a oportunidade de desfrutar de um bom poema de cordel, onde a vida transcende e, mesmo quando se trata de algo triste pelo fato de apresentar um relato social ou realista, é possível que se produza um sentimento solidário, uma atitude de encontro com a humanidade de outros que buscam no cotidiano a grandeza do viver. [...] (ROCHA; OLIVEIRA, p. 8)

Para desenvolvimento da presente proposta pedagógica, faz-se necessário inteirar-se acerca da obra “O Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry, em sua versão mais popular, como romance, a fim de entender sua versão em cordel de Josué Limeira a ser disposta posteriormente como centralidade na referida verificação.

4.2 O Romance: O Pequeno Príncipe - Antoine de Saint-Exupéry

Jean-Baptiste Marie Roger Pierre de Saint-Exupéry (Antoine de Saint-Exupéry), nasceu em 1900 na cidade de Lyon na França, sua família era de origem nobre, seu pai era o conde Jean de Saint-Exupéry; Antoine teve quatro irmãos, em seus dezessete anos, passou por diversas escolas, nas quais evidenciou-se sua criatividade e inteligência, sem êxito, não conseguiu adentrar na escola naval, ou prosseguir com o estudo de arquitetura na Escola de Belas Artes, fazendo com que seu sonho de criança ganhasse força. Em 1921, foi convocado para a força aérea da França, onde atuou inicialmente como mecânico, e então iniciou por conta própria um curso de aviação. Em 1922, conseguiu seu brevê de piloto e iniciou seus

primeiros voos como mensageiro. Em Buenos Aires, Saint-Exupéry conhece Consuelo Soucin, natural de El Salvador, jovem artista plástica que, em 1931 tornou-se sua esposa. O Pequeno Príncipe, “nasceu” no meio da guerra, em 1942 como conto de natal, foi então criando suas formas. No dia 6 de abril de 1943, O Pequeno Príncipe é lançado nos Estados Unidos. Em 1944, Saint-Exupéry em seus quarenta e quatro anos, parte em uma missão aérea, era seu último voo, e o avião não chegou ao seu destino final. Em 1998, um pescador do Mediterrâneo, pescou uma pulseira de prata com as identificações de Antoine. Imortalizado em sua obra, Antoine segue “cativando” crianças e adultos em todo o mundo.

A obra “O Pequeno Príncipe” faz-se importante leitura em todos os momentos da vida, mas por ter relevantes reflexões, é cabível sua inclusão nos anos finais do Ensino Fundamental. Como um clássico literário, desenvolve grandes memórias subjetivas a todos os que tem a oportunidade de vivenciar este livro, em que se caracteriza pelo gênero romance, pois:

[...] é um dos gêneros mais conhecidos da literatura. Herdeiro da epopeia (v.) é tipicamente um gênero do modo narrativo, assim como a novela (v.) e o conto (v.). Escrito em prosa, mais ou menos longo, narram-se nele fatos imaginários, às vezes inspirados em histórias reais, cujo centro de interesse pode estar no relato (v.) de aventuras, no estudo de costumes ou tipos psicológicos, na crítica social, etc. A distinção entre romance e novela (v.) não é clara, mas costuma-se definir que no romance há um paralelo de várias ações, enquanto na novela há uma concatenação de ações individualizadas. No romance, uma personagem pode surgir em meio à história e desaparecer depois de cumprir sua função. Outra distinção importante é que, no romance, o final é um enfraquecimento de uma combinação e ligação de elementos heterogêneos, não coincidindo com o clímax, que é o ponto culminante da narrativa. (COSTA, 2014, p. 206)

Segundo ao seu conteúdo e temática desenvolvida, Costa (2014, p. 207) caracteriza tipos de romance, e o Pequeno Príncipe se adequa como: “(vi) didático: história (v.) fictícia para propagar um ensinamento; (vii) epistolar: a ação é narrada mediada pela correspondência trocada entre alguns personagens; (xii) psicológico: explorando vários níveis da atividade mental, focaliza em profundidade a complexidade emocional de seus personagens. ”

Ao referir-se a obra é comum lembrar de frases como: “[...] Você será único no mundo para mim. E eu serei única no mundo para você...” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 96); “[...] só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. ” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 101); “[...] Você se torna eternamente responsável por aquilo que cativa. [...]” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 101), como também todas ilustrações em que em todas as versões editadas da obra somam grande sentido, sendo uma das obras literárias mais lidas em todo o mundo desde o seu lançamento em 1943, com tradução em 280 idiomas. Com suas expressões profundamente poéticas e metafóricas, o livro constrói e insere valores sociais, culturais e

humanos às diferentes visões de mundo de seus leitores, por sua característica literária, permite que se desenvolva entre o leitor e os personagens um lugar de familiaridade, com valores éticos, sobre a empatia com o outro, em uma mesma sociedade, reconhecendo a capacidade transformadora de experiências de que essa obra literária tem.

4.3 O cordel: O Pequeno Príncipe - Josué Limeira

Josué Limeira, cordelista, poeta e escritor, trabalhou em conjunto com o ilustrador Vladimir Barros, ambos pernambucanos. Tendo, em 2015, sua primeira edição, a adaptação nordestina do clássico “O Pequeno Príncipe”, teve grande sucesso em vendas, como também, foi indicada em 2016, como uma das finalistas na 58ª edição do Prêmio Jabuti, o mais tradicional prêmio da literatura brasileira.

Ressalta-se que o Pequeno Príncipe em literatura de cordel remete a perspectiva nordestina de linguagem e representação dos personagens, Pequeno Príncipe, o aviador, a rosa, a raposa, a serpente, o rei, o vaidoso, o bêbado, o homem de negócios, o acendedor de lampiões, o geógrafo e vários outros, que se apresentam em uma narrativa contínua.

No capítulo quinze (15) que será destacado aqui como meio investigativo, no qual o Pequeno Príncipe conhece o geógrafo, trata a geografia como fidedigna e constante, Limeira (1ª, 2ª e 3ª estrofe) também evidencia a diferença entre geógrafo e explorador, revelado pelo entusiasmo do geógrafo em ver o Pequeno Príncipe em seu planeta,

Era dez vezes maior;
Vendo o sexto planeta.
Nele habitava um velho
Que não soltava a caneta.
Escrevia muitos livros
Que enchiam a saleta

- Que coisa maravilhosa,
O velho quase gritou.
- Explorador, de onde vens?
- De muito longe, falou
O viajante cansado
Que ao lado dele sentou.

- Que tipo de livro é este?
Pergunta o principezinho.
- Que faz o senhor aqui
Neste planeta, sozinho?
- Sou um geógrafo, amigo.
Um sábio desses caminhos. (LIMEIRA, 2021, p. 98)

O geógrafo sucede sua animação (Limeira estrofe 5^a), quando explica a importância do explorador para descoberta de novas paisagens e elementos morfológicos da mesma, prezando pela veracidade das informações para então colocá-las em seu “livro geográfico de descobertas”,

- Quando o explorador é bom,
Investigo a descoberta.
Descobrimo uma montanha,
Fico logo em alerta.
Peço a ele uma prova:
Pedras grandes como oferta. (LIMEIRA, 2021, p. 99)

O tempo cronológico do planeta do geógrafo apresentado no livro é diferente do da vida humana. Para explicar a reflexão colocada, no capítulo sobre o geógrafo que não era um explorador, pois ele só se preocupava com os livros ou, ainda, analisando se o mundo e a vida cabiam nos livros, Limeira (4^a e 5^a estrofe), destaca que para o geógrafo uma informação só é geográfica para ser anexada aos livros de geografia, quando não é efêmera, como a rosa do Pequeno Príncipe.

- Tenho também uma flor
Que rego todos os dias.
- Não anotamos as flores,
Não são pra geografia.
- Mas elas são tão bonitas,
Por que não anotarias?

- Porque elas são efêmeras
E desaparecem um dia.
Montes não desaparecem,
Nem oceano esvazia.
Escrevo coisas eternas
Nos livros de geografia. (LIMEIRA, 2021, p. 100)

As transformações da paisagem e apresentação dos personagens durante os capítulos da obra, são descritos de forma subjetiva correlacionando-os a aspectos morfológicos. Procurando valorizar os aspectos contidos no cordel, salienta-se a importância para com o planejamento pedagógico a qual será desenvolvido, pois, tais procedimentos fazem-se essenciais para que o processo de ensino-aprendizagem seja desenvolvido em seu êxito. A proposta a que se sucede, propõe-se a nortear a utilização do livro “Pequeno Príncipe” na versão em cordel em sala de aula, dividindo-se em organização e em estratégias de práticas de ensino e aprendizagem.

Dentro das competências presentes na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio, esse projeto contempla a competência 1 (um) descrita como “Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de

atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.” (BRASIL, 2017, p. 490).

O próprio documento BNCC indica a integração entre linguagens e as ciências humanas, conforme expresso na habilidade (EM13CHS101) “Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.” (BRASIL, 2017, p. 572)

Assim, a construção desse plano se dará a partir, também, das próprias vivências dos estudantes, como de suas apropriações culturais e regionais que sejam pertinentes à temática proposta, conforme apresentado na Quadro 1.

Procedimentos Metodológicos	
Objetivos de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Atribuir incentivo à leitura de obras literárias; ✓ Interpretar a obra e identificar conhecimento pré-existent; ✓ Contribuir para com o desenvolvimento da imaginação por meio da leitura; ✓ Compreender a paisagem geográfica através da literatura de cordel; ✓ Caracterizar e observar os personagens e relacioná-los com o cotidiano.
Metodologia	<p style="text-align: center;">1ª Etapa</p> <p>Apresentar a temática aos alunos e a obra “O Pequeno Príncipe” em cordel, promovendo a historicidade desse gênero textual.</p>
Desenvolvimento	<p style="text-align: center;">2ª Etapa</p> <p>Sociabilizar através da leitura e interpretação do Pequeno Príncipe em cordel, os personagens e paisagens presentes na obra.</p>

	3. ^a Etapa	Durante a leitura relacionar paisagens subjetivas da obra com aspectos geográficos materiais, como: a seca, a localização do sertão, composição do sistema solar, identificação dos planetas pela astronomia, valorização e importância na preservação do meio ambiente, movimento de rotação e translação, vulcanismo, dentre outros.
--	--------------------------	--

Quadro 1 - Procedimentos Metodológicos

Fonte: Elaboração própria.

Para explanar a reflexão colocada, no capítulo sobre o geógrafo que não era um explorador, onde ele só se preocupava com os livros ou, ainda, analisando se o mundo e a vida cabiam nos livros, pode-se desenvolver em aula a criação de mapas de bairro e acrescentar fotografias das paisagens dos lugares caracterizados.

Em outra possibilidade didática, pode-se realizar um projeto em que promova a humanização e conscientização, para com as emoções, preconceitos e valorização da amizade, por meio da explanação do príncipezinho durante sua viagem aos setes planetas a quem experienciava os seguintes personagens: O Rei; O Vaidoso; O Bêbado; O Homem de negócios; O Acendedor de lampiões; O Geógrafo e algumas personalidade durante sua viagem ao planeta Terra, como a serpente, a raposa dentre outras, conforme expressado na competência 5 presente na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio, descrita como “Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.” (BRASIL, 2017, p. 577), pois,

O exercício de reflexão, que preside a construção do pensamento filosófico, permite aos jovens compreender os fundamentos da ética em diferentes culturas, estimulando o respeito às diferenças (culturais, religiosas, étnico-raciais etc.), à cidadania e aos Direitos Humanos. Para a realização desse exercício, é fundamental abordar circunstâncias da vida cotidiana que permitam desnaturalizar condutas, relativizar costumes, perceber a desigualdade e o preconceito presente em atitudes, gestos e silenciamentos, avaliando as ambiguidades e contradições presentes em políticas públicas tanto de âmbito nacional como internacional. (BRASIL, 2017, p. 577).

Em seu capítulo vinte e sete (27), Limeira retrata por meio da figura do aviador as experiências e relações vividas com o pequeno príncipe em suas viagens, seja na criação de desenhos e explorações, ressaltando a ideia de paisagem e sua importância para a identidade e cultura, conforme se destacam na primeira e segunda estrofe,

Esta paisagem, pra mim,
É a mais bela do mundo.
E também é a mais triste,
Pois me dói, assim, profundo.
Desenhei mostrando bem,
Não perdi nem um segundo.

Aqui o pequeno príncipe
Chegou ao nosso planeta.
Aqui desapareceu
Como um rastro de cometa.
Olhem bem esta paisagem,
Não a guardem na gaveta.
Que fique no coração,
A melhor das cadernetas. (LIMEIRA, 2021, p. 170)

É com base nessas reflexões, que é possível abordar a relação homem e natureza em sala por meio da subjetividade analisada na obra “O Pequeno Príncipe”, desse modo, os percursos pedagógicos percorridos podem auxiliar o processo de ensino-aprendizagem de Geografia. A interpretação da paisagem literária, traz consigo elementos culturais que contribuem para a sua compreensão, se fazendo necessário o planejamento e aprofundamento em práticas pedagógicas que integrem esses saberes a vivência dos alunos, corroborando a um ensino aprazível, comprometido com o ensino de qualidade.

Ressalta-se em tal comprometimento a importância da leitura através do olhar geográfico para além do processo de aprendizagem, referindo-se a temática como fundamental para a evolução crítica e intelectual dos alunos, no qual esse diálogo estimula a expansão de tal prática para o ambiente familiar dos discentes, fortalecendo o pressuposto, de que apesar de um século com tantas tecnologias e descobertas em desenvolvimento, as obras literárias continuam sendo insubstituíveis para a construção de uma sociedade consciente e humanamente justa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito do cunho prévio sobre o ensino de Geografia e Literatura, as observações obtidas evidenciam a importância de estudos sobre a diversificação do ensino geográfico em sala de aula, promovendo um ensino-aprendizagem de qualidade. Faz-se necessário instigar a análise crítica do aluno perante as diversificações em que se situa, dado que é significativa a estimulação dos alunos para os questionamentos críticos em seu cotidiano.

Verifica-se a importância do desenvolvimento de estudos acerca da integração entre o ensino de Geografia e Literatura, no qual a literatura proporciona diversas atividades que ainda são pouco exploradas no ensino básico. Possuindo um país com vasta diversidade social, econômica, cultural e natural, o educador necessita, então, de liberdade para com seu planejamento e sua dinamicidade didática, evidenciado que a utilização de novas linguagens, por meio da literatura, auxilia a construção efetiva de conhecimentos geográficos na geografia escolar.

Neste caso, devido ao crescente aumento de bibliografias que abordem e fundamentam pesquisas na área do ensino de geografia, acredita-se que este trabalho seja necessário, desafiador e instigante a novos estudos pertinentes a temática, ligando o ensino de qualidade a práticas de ensino, e que novos horizontes de pesquisa surgirão a partir da integração de reflexões a respeito da Literatura e a Geografia, compreendendo sua relevância para toda a comunidade acadêmica, com o propósito de formar cidadãos e cidadãs críticos.

A resistência para com práticas educacionais que utilizam da tradicional exposição didática e livro didático com futuros docentes de Geografia, já está sendo ressignificada, há então a necessidade em propagar a aproximação com outras linguagens e métodos educacionais, buscando, a viabilização educacional em compreender a dinâmica geográfica em diferentes escalas.

Ao realizar a leitura da obra literária, nota-se que não se trata apenas de uma literatura infanto-juvenil, uma vez que essa interessa a qualquer leitor, sejam crianças ou adultos. Cabe evidenciar que a abordagem minuciosa da literatura de cordel, contempla também sua poeticidade constatada nas expressões e símbolos exteriorizados nos personagens, revelando em suas leituras, significações e aproximações com o cotidiano dos leitores.

Verifica-se no Pequeno Príncipe em cordel, suas dimensões universais e atemporais, devido à aproximação da realidade social coletiva. Assim, salienta-se a importância da escola e suas relações com os discentes, possibilitando-os a compreensão da significação social, redescobrimo e atribuindo novos significados aos conteúdos curriculares ensinados em sala de aula. Fundamentos estes, possibilitaram analisar a geografia escolar, propondo novas observações sobre os processos de ensino-aprendizagem em Geografia.

REFERÊNCIAS

- ANDREIS, Adriana Maria; CALLAI, Helena Copetti. Alicerces às aulas: princípios, conceitos e categorias geográficas. **Revista ensino de geografia (RECIFE)**, v. 2, n. 3, 2019, p. 80-101.
- AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de. ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA: INTELIGIBILIDADE DIDÁTICO-PEDAGÓGICA EM MUNDO, LINGUAGEM E LITERATURA AO GOSTO POPULAR, DE SOCORRO ALMEIDA. In: FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; OLIVEIRA, Marlene Macário de. **A formação docente em geografia: teorias e práticas**. Campina Grande1; EDUFCG, 2014. p. 279 -297.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 03/03/2022.
- CABRAL, Luiz Otávio; BUSS, Maria Dolores. A paisagem como campo de visibilidade e de significação: um estudo de caso. **Espaço e Cultura**, n. 13, p. 47, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Cadernos Cedes**, v. 25, p. 185-207, 2005.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. rev. e aum.: 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. 242 p. ISBN 978-85-7526-317-4.
- GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? In: _____. (org.). **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 39-40.
- HOLZER, Werther. A trajeção: reflexões teóricas sobre a paisagem vernacular. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 155 – 172.
- JÓFILI, Zélia. Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola. **Educação: teorias e práticas**, v. 2, n. 2, p. 191-208, 2002.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Métodos científicos. In: _____. (org.). **Metodologia científica**. 5. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010. p. 95-96.
- LIMEIRA, Josué. **O pequeno príncipe em cordel**. 2. ed. rev. - Belo Horizonte: Yellowfante, 2021.
- MARANDOLA, Janaina A. M. Silva. O Geógrafo e o romance: aproximações com a cidade. **Geografia, Rio Claro**, v. 31, n. 1, p. 61-81, 2006.
- MENESES, Ulpiano T. A literatura de cordel como patrimônio cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 72, p. 225-244, 2019.
- MENEZES, Welber Alves; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. O ENSINO DE GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE: o uso da literatura de cordel. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 5, n. 10, p. 235-257, 2015.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. 1986.

- OLIVEIRA, Andréia Sgarioni. Literatura de cordel: análise sobre suas abordagens no ensino fundamental. 2018.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Tradução de Frei Betto. São Paulo: Geração Editorial, 2015.
- SANTOS, José Alex Soares. Teorias da Aprendizagem: comportamentalista, cognitivista e humanista. **Revista Sigma**, v. 2, p. 97-111, 2006.
- SANTOS, Milton. Paisagem e Espaço. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. In: Milton Santos em colaboração com Denise Elias. 6. ed. 2. Reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p. 67-81.
- SCHIER, Raul Alfredo. **Trajatórias do conceito de paisagem na geografia**. Ed. UFPR. Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.
- SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2019. 128 p. ISBN 978-85-520-0159-1.
- SERPA, Angelo. Teoria das representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia. **Geo USP: Espaço e Tempo**, São Paulo, ano 2014, v. 18, n. 3, ed. 3, p. 487-495, 2014.
- SILVA, Maria Auxiliadora Gomes da; AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de. GEOGRAFIA E LITERATURA: A PAISAGEM GEOGRÁFICA NO CONTO "CAIARARA" DE ANA PRIMAVESI. A (In)**Sustentabilidade na dialética da inclusão/exclusão**. Paulo Afonso – BA: SABEH, 2021, p. 345-364. Disponível em: http://www.sabeh.org.br/?mbdb_book=a-insustentabilidade-na-dialetica-da-inclusao-exclusao. Acesso em: 25 fev. 2022.
- SILVA, Paulo Geovane; TOMÁCIO, Douglas. Literatura de cordel no Brasil: um ponto no mar da lusofonia. **Revista Odisseia**, n. 13, p. 44-57, 2014.
- SOMEKH, Bridget; JONES, Liz. Observação. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (org.). **Teoria e Métodos de Pesquisa Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 183-191.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 34-39.
- SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v. 5, p. 129-147, 2017.
- VIEIRA, Wilker Lopes; CAMARGO, Elton José de. Vygotsky e a psicologia histórico-cultural aplicadas ao ensino de geografia Vygotsky and historical-cultural psychology Applied to the teachinf of geography. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 9, p. 90419-90434, 2021.